



Sobre a tarefa do “cultivo de si”: uma premissa para pensar a educação em Nietzsche

POR JONAS FACCIN

profjonasfilosofia@gmail.com

INTRODUÇÃO

O pensamento de Friedrich Nietzsche é um dos raros pensamentos que, quanto mais nos arriscamos adentrar nele, mais elementos são encontrados, ao mesmo tempo em que intensificamos o perigo de lá estar. Um tanto complexa, a filosofia de Nietzsche pode ser tomada como uma “corda por sobre o abismo” que convida à travessia os mais corajosos. Dentre os múltiplos temas tratados pelo filósofo, inseridos nos mais variados horizontes e interpelações, podemos ter em consideração o fato de que Nietzsche, muito mais que arrogar-se como “destruidor” de tudo e de todos, buscou uma (re)construção em meio a destruição.

Neste sentido, sem pretensões a um mero aniquilamento por si só, ou uma simples pretensão em recolocar algo mais notável em substituição àquilo que estava posto anteriormente, tal (re)construção visa sim resgatar, reformular, (re)significar o próprio ser humano que há muito tempo se encontra em um processo de decadência. Para Nietzsche, é emergencial um debruçar-se em torno do ser humano e em tudo aquilo que o constitui. O que perpassa toda a sua filosofia é justamente adentrar no *sentido da constituição do humano*, uma tarefa por vezes ingrata e inglória, mas fundamentalmente necessária àquele que pretende oferecer ao ser humano – se de fato pretende algo - muito mais que apenas migalhas e um punhado de “verdades” que conduzem a uma falsa sensação de felicidade.

Que há muito o pensamento de Nietzsche é estudado, comentado, interpretado, exaltado e também criticado, e que sua filosofia esteja definitivamente presente na “linha” dos grandes pensadores da Filosofia, tudo isto já está mais do que consolidado



nos estudos filosóficos. Todavia, é incontestado o fato de que Nietzsche fora tão pouco refletido no campo da educação e nos arriscamos afirmar, ainda o é, seja pela fixação de suas ideias em campos propriamente filosóficos, como por exemplo, o campo da Ética, da Metafísica, ou ainda pelo fato de que muitos pensadores se eximem da tarefa de pensar Nietzsche na educação, encontrando, ao certo, alguma impossibilidade em aproximar sua filosofia com temáticas que circundam a educação; Como um movimento muito maior, conforme pensam alguns a Filosofia foi “rebaixada” ao ser tomada pelo campo educacional, como se ela não tivesse se constituído neste campo mesmo. No entanto, inúmeras tentativas estão sendo dispendidas a fim de intensificar a atuação da Filosofia diante do campo educacional, vale dizer, a *Filosofia pensando a Educação*.

Neste contexto, a filosofia de Nietzsche ganha contornos de fundamentais relevâncias ao campo educacional e suas discussões hodiernas, tendo em consideração que umas das maiores perspectivas do filósofo fora justamente pensar a cultura (*kultur*) em que estava inserido, algo que o fez adentrar profundamente nas discussões acerca de uma cultura capaz de gerar “homens fortes”, de “espiritualidade elevada”; “homens de superação e autopercepção”, ou seja, uma cultura entendida como *Bildung* (Formação).

Não é nossa pretensão chegar aqui a alguma resposta que pudesse “resolver” qualquer problema, novo ou antigo, surgidos nas tensões do campo educacional e que a partir de Nietzsche pudesse ser solucionado. Muito pelo contrário, buscamos tão somente pensar *com* o filósofo Nietzsche questões que versam sobre a educação e sua atividade formativa. Neste sentido, acolhemos as palavras de Vânia Dutra de Azeredo, que diz: “não queremos pensar a Educação e a Filosofia como Nietzsche o fez, mas refletir a partir do que ele fez nesse âmbito e, assim, assumir um pensar com o filósofo mais do que sobre e como o filósofo.”¹

Transpondo qualquer pretensão a “verdades” que queiram arrogar-se absolutas e salvíficas perante as problemáticas da educação, o que se pretende é lançar uma hipótese que perpassa diretamente as discussões em torno da Filosofia da Educação,

¹ AZEREDO, 2008.



qual seja, que a necessidade em assumir a tarefa do “cultivo de si mesmo” em Nietzsche, pressupõe uma travessia pelas vivências ao mesmo tempo em que se assume o destino como uma tarefa. Se em seu livro “Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino” Nietzsche já identificara uma profunda decadência na educação Alemã, estendida a toda Europa, esta crítica não deixará de perpassar todas as demais obras, sobretudo ao identificar, como decadência humana e cultural, a fixação de conceitos tomados como “autoevidência” (Selbstverständlichkeit), isto é, conceitos que se tornaram plenamente confiáveis no interior de uma cultura, tornando-se assim inquestionáveis. Para Nietzsche, tais conceitos se encontravam moralizados até a raiz.

Diante de perspectivas autoevidentes que tornaram-se o modo próprio de ser do humano, Nietzsche se coloca na disposição de implodir tais conceitos moralizados pelo uso (costume), uma vez que estes fazem surgir pseudo valores que se instalam em uma cultura sob a máscara da mais pura e verdadeira necessidade.

O que se constata, de imediato, é a instalação de uma espécie de moral do costume que mascara a necessidade de se perguntar, no caso aqui específico, pelo “valor da educação”, mais precisamente, questionar o valor que possuem determinados valores já impressos na educação, uma vez que esta, tomada no interior de uma cultura decadente, transforma-se em reprodutora de um processo cultural decadente.

Não pretendemos com isso anunciar a eliminação daquilo que está posto e se constituiu como “cultura” ou “educação”, uma vez que não é uma “cultura em si” ou “educação em si” que se encontram moralizadas, mas o modo como são tomadas e interpretadas motivam sua debilidade. Recordemos que para Nietzsche “não existem fenômenos morais, apenas interpretação moral dos fenômenos,”² neste caso, estamos, pois, mais próximos da necessidade de uma transvaloração de valores que se fixaram como absolutos, do que uma pretensa à destruição de algo em vista da recolocação de outra coisa. Ora, não foi intenção de Nietzsche agir sob a forma de oposição, como se no lugar da destruição de uma “verdade” fosse uma prerrogativa a inserção de outra.

² NIETZSCHE. Além do Bem e do Mal. §108, P. 66



Diante de nossas pretensões em perceber esta árdua tarefa do “cultivo de si” como premissa à educação, faz-se necessário, na cadência do mesmo movimento, transpor, transvalorar um tipo de homem decadente. Para tanto, talvez devêssemos nós, antes de tudo, nos colocar na disposição para uma diagnose de nós mesmos; olhar profundamente os sintomas que no afetam e nos impedem de mantermo-nos como “o animal ainda não determinado.”³ Enfim, é mais que necessário começar, pois, como diz o poeta, “caminheiro, não há caminho, o caminho se faz caminhando”.

SOBRE A ÁRDUA TAREFA DO “CULTIVO DE SI”

Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor em fluxo da vida – ninguém, exceto tu... Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. Para onde leva ele? Não perguntes nada, debes seguir este caminho (SE/Co. Ext. III § 1).

Em Nietzsche, a tarefa do “cultivo de si” não pressupõe outro *locus* senão no próprio homem que vive na contínua travessia de suas vivências. Se “o homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo,”⁴ ninguém, exceto ele mesmo terá de atravessar a corda que, representando a própria travessia pela vida, inevitavelmente sempre estará por sobre o abismo. Negar o percurso do caminho em que se precisa atravessar significa negar o próprio fluxo da vida, pois, o que é a vida senão uma autossuperação? O homem de travessia não sabe ao certo para onde seus passos irão desembocar, o que não significa qualquer impedimento, pois, de nada vale caminhar esperando apenas passos seguros se a vida mesma não pressupõe seguranças absolutas. Ora, “uma coisa que se esclarece deixa de nos interessar. – Que queria dizer o deus que aconselhou: ‘Conhece-te a ti mesmo’? Isto significava talvez: ‘Deixa de interessar-te por ti! torna-te objetivo!’...”⁵ Nem tudo pode ser compreendido, e a vida mesma está neste fluxo de incompreensibilidade; Se o que há de interessante no homem é sua fluidez de sentidos, não se lhe exige a tudo ter de compreender, mas, acima de tudo assumir a si mesmo como fluidez.

³ NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal. § 62, p. 60

⁴ NIETZSCHE, Assim Falou Zaratustra. “Prólogo”. § 1, p. 16

⁵ NIETZSCHE. Além do Bem e do Mal. § 80, p. 63



Neste sentido, “essencialmente fluidas, as condições da construção da ação em Nietzsche podem também sempre deslocar seu sentido, na medida em que as condições mesmas da vida são sempre fluidas.”⁶ Ou seja, se nossa ação aqui caracteriza-se pela tarefa do “cultivo de si”, ela sempre se dará sob as mais diversas circunstâncias da vida, vale dizer, sob a fluidez dos sentidos.

Refletir acerca da profunda necessidade do cultivo de si pressupõe uma reflexão acerca da noção de “vivência” (*Erlebnis*)⁷, afinal, o cultivo acontece na sua íntima ligação com as vivências, pois “toda vivência atua cultivando o homem”⁸. Uma vivência não pode ser tomada como um *conceito*, mas antes como *noção*. Segundo Nietzsche, o *conceito* foi tomado ao longo do tempo sob uma espécie de ingenuidade, qual seja, poder ser compreendido em uma perspectiva unívoca e universal, como se fosse possível assegurar-se em sua mais alta confiabilidade, tornando-se assim válido para todas as circunstâncias da vida e compreensível por todos.

Tonar uma *Erlebnis* algo plenamente compreensível e universal é, para Nietzsche, sintoma de decadência e vulgaridade. Se a grandeza da totalidade das vivências perpassa pelo cultivo do homem, tomá-las conceitualmente corresponde ao modo mais vulgarizado de viver, pois, se uma *Erlebnis* constitui-se enquanto ligação imediata com a vida, cada vivência necessariamente se tornará única ao indivíduo, sendo de tal modo impossível tomá-la racionalmente em sua imediatez a fim de transmutá-la num conceito em que todos pudessem, a partir de uma mesma instância, caracterizar a vida.

O caminho percorrido por uma vivência efetivamente significativa, isto é, aquela vivência que toca profundamente o homem a tal ponto de torná-lo escaldado por ela, lhe confere estar presente na vida de maneira essencialmente prática, ou seja, em meio à travessia de suas vivências é que o homem cultiva a si mesmo. Este caráter prático do homem de travessia, do homem que busca sua autosuperação, lhe confere o direito de

⁶ VIESENTEINER, 2010.

⁷ Sobre o amplo significado da palavra “*Erlebnis*”, conferir VIESENTERINER, Jorge Luiz. O Conceito de Vivência (*Erlebnis*) em Nietzsche: Gênese, Significado e Recepção. *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 127, Jun/2013, p. 141 – 155.

⁸ VIESENTEINER, 2010.



dizer: “Não há que desconsiderar nada do que existe, nada é dispensável”⁹. Esta é a atitude daquele que deixou-se tocar de tal maneira por todas as suas experimentações a ponto de tornar todos os acontecimentos indispensáveis, inclusive a mais rigorosa enfermidade física, pois, o excesso de vivência lhe confere a possibilidade de criar uma “fórmula de *afirmação suprema* nascida da abundância, da superabundância, um dizer Sim sem reservas, ao sofrimento mesmo, à culpa mesmo, a tudo o que é estranho e questionável na existência mesmo”¹⁰.

Posto que para Nietzsche a tarefa ao cultivo de si mesmo pressupõe um “*Sim à vida*”¹¹, a mais alta prerrogativa ao cultivo não é outra coisa senão a abertura para todos os acontecimentos da vida, isto é, o excesso de *Erlebnisse* (vivências) torna o homem superabundante, sobretudo porque sua nobreza de espírito acolhe a vida como grande fruto do acaso, afinal de contas, “era mais que tudo necessário”¹². A tarefa ao cultivo de si perpassa fundamentalmente o assumir seu “destino da tarefa”. Cultivar a si mesmo tem sua natureza no interior do “destino da tarefa”, possível, então, através das vivências singulares e significativas. Neste sentido, assumir o destino como tarefa pressupõe a atitude daquele que diz: “não quero em absoluto que algo se torne diferente do que é; eu mesmo não quero tornar-me diferente... Mas assim vivi sempre.”¹³

O cultivo do homem através das suas vivências (*Erlebnisse*) requer esta grandiosa disposição em assumir a vida como destino. Não se pretende modificar isto que foi experienciado, afinal, afetado por suas próprias vivências, o indivíduo torna-se “espiritualmente elevado” ao ponto de dizer: “mas assim eu quis! Assim eu quererei - .”¹⁴ Ora, diante destes pressupostos, olhos e ouvidos desatentos poderão incorrer no erro de julgarem equivocadamente o pensamento de Nietzsche. Ou seja, não desejar modificar nada daquilo que foi profundamente experienciado, ainda que se lhe tenha causado uma profunda dor, não significa aceitar uma situação e acostumar-se a ela, pois

⁹ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, “O Nascimento da Tragédia”, § 2 p. 61.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*.

¹² NIETZSCHE, *Ecce Homo*, “Por que sou tão sábio”, § 2, p. 23

¹³ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, “Por que sou tão inteligente”, § 9, p. 47

¹⁴ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*. “De velhas e novas tábuas”, § 3, p. 189.



isto soa estranho a um pensador que combateu vigorosamente a fixação de “verdades” sustentadas por determinada “moral dos costumes.” A atitude mais coerente daquele que não se conforma com o seu tempo é arrogar-se o direito de se denominar *extemporâneo*, característica de quem toma distância da situação estando ainda na situação. O que se pretende é o amadurecimento de um tipo de homem que seja capaz de assumir o seu destino como uma tarefa, retirando força de todas as circunstâncias vividas a fim de mudar uma situação decadente; Atitude totalmente inversa daquele que continua desgraçando a vida ao invés de lhe conferir novo sentido.

O trabalho do homem sobre si mesmo requer tomar-se inteiramente nas mãos e assim fazer de si alguém saudável. Em tempos de extrema agonia fisiológica é Nietzsche quem diz: “tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso, ser no fundo sadio.”¹⁵ A saúde não está somente naquele que goza de um estado livre de doenças, mas também naquele que encontra na doença um “enérgico *estimulante* ao viver, ao mais-viver;”¹⁶ Saber utilizar tanto a vitalidade quanto a doença para transitar no mundo dos conceitos e valores “sãos e decadentes” é a característica daquele que na travessia de suas *Erlebnisse* acumulou um excesso de vida tal, que nisso revela sua maestria: ter mãos para “*deslocar perspectivas*.”¹⁷

A tarefa do cultivo perpassa esta capacidade de deslocamento de si mesmo, de tal modo que não se pode mais enxergar a si senão como uma *nuance*. É Nietzsche quem se autodenomina “eu sou uma nuance;”¹⁸ Por “nuance” compreende certa destreza, habilidade em perceber a contínua possibilidade de deslocar/rearranjar algo, um conceito, impedindo com isso qualquer pretensão de fixidez ou absolutização. Neste sentido, vale dizer, “a ‘nuance’ é o desvio em relação ao conceito, uma vez que este último sempre opera com a vulgarização na medida em que fixa algo, retirando-o das condições do tempo.”¹⁹ Àqueles que pretendem fixar-se em uma única roupagem, de tal

¹⁵ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, “Por que sou tão sábio”, § 2, p. 23.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, “Por que sou tão sábio”, § 1, p. 22.

¹⁸ *Ecce Homo*. “O Caso Wagner”, § 4, p. 100.

¹⁹ VIENSENTEINER, 2011.



modo que possam ser reconhecidos facilmente por todos, nada mais dizer senão que “a afirmação e legitimação dos trajes únicos fazem prevalecer uma espécie de moral que, de fato, é uma antinatureza que nos dificulta viver em plenitude.”²⁰ Se a arte da nuance constitui a melhor aquisição que o homem tem na vida,²¹ deve-se ter em consideração o caráter de incompreensibilidade que perpassa o próprio homem, ou seja, pensar que alguém foi enfim compreendido, apenas intensifica um equívoco, pois *isto que é o homem* continuamente se desvia da fixidez de um conceito.

Nietzsche ainda expressa de outra forma o sentido de “nuance”, a saber, como “pathos da distância”. Conforme está escrito no primeiro aforismo do capítulo de *Para Além do Bem e do Mal* intitulado “O que é nobre”, Nietzsche considera nobre aquele que vislumbra a si mesmo enquanto nuance, de tal modo que lhe é possível enxergar à distância sem precisar perder-se de si. Aliás, a “distância” só faz aumentar ao homem nobre o amor a si mesmo, pois, com espírito elevado e “dedos para nuances”, sua característica mais distintiva designa a busca pela “elevação do ‘tipo homem’”, que se caracteriza pela contínua “autossuperação do homem.”²² Atitude radicalmente diferente do tipo vulgar que, além de não contentar-se em utilizar as mesmas palavras que visam uma espécie de mútua compreensão, recorre às “mesmas palavras para a mesma espécie de vivências interiores” e assim “ter a experiência *em comum* com o outro.”²³

Ainda que a tarefa do “cultivo de si” perpassasse por uma intrínseca relação com a arte de nuance, isto é, com o contínuo desvio de um conceito que se pretenda absoluto e universal, ao identificar uma multiplicidade de valorações conceituais, constituídas a partir de inúmeras formas que deram origem a essas avaliações, seja por meio de “costumes respeitáveis”, convicções, reações emocionais ou por modos de ações autoevidentes,²⁴ os conceitos se constituíram plenamente confiáveis a partir de valorações que tornaram tais conceitos absolutos. A própria concepção de *homem*

²⁰ HARDT, 2014.

²¹ Cf. “Para Além do Bem e do Mal”, § 31.

²² NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, § 257, p. 153.

²³ NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, § 268, p. 165.

²⁴ Cf. “A Moral da Crítica de Nietzsche à Moral”, p. 48.



tornou-se inquestionável, sobretudo por se ter creditado uma confiança inabalável no que se afirma ser isto o *homem*. Entretanto, “a crença em ‘certezas imediatas’ é uma ingenuidade moral”²⁵ e não poderá ser levada mais adiante. Na tentativa de implodir certezas autoevidentes, Nietzsche pretendeu (re)colocar o homem neste jogo de aparências e “incertezas”, afinal de contas, tomar com maior estima *verdades* ao invés de *aparências*, significa desconsiderar o fato de que “não existiria nenhuma vida, senão com base em avaliações e aparências perspectivas.”²⁶ Aos conceitos filosóficos aparentemente esquecidos, pois tomados justamente a partir de um costume, Nietzsche buscou continuamente trazê-los à sua utilização cotidiana e ao campo de atuação das diversas margens de manobras,²⁷ neste caso, pretendeu ao *homem* a possibilidade de ser novamente tomado dentro de uma fluidez de sentidos, dando assim nova perspectiva à tarefa do cultivo de si.

Diante de tão grande nobreza de espírito em que o homem assume a si mesmo como tarefa, como cultivo, Nietzsche relembra que “uma coisa é necessária”, isto é, “dar estilo a seu caráter.”²⁸ Ora, segundo reza o aforismo, aquele que é capaz de estilizar o seu caráter o faz porque possui alma de artista, pois toma a tarefa ao cultivo de si como sua maior atividade. Tomando a vida nas próprias mãos, “avista tudo o que sua natureza tem de forças e fraquezas e o ajusta a um plano artístico, até que cada uma delas aparece como arte e razão, e também a fraqueza delicia o olhar.”²⁹ É interessante notar que, “dar estilo ao caráter” pressupõe também, em larga escala, a interiorização das vivências correspondentes ao processo de moralização dos costumes, algo que somente o homem de estômago forte é capaz de digerir, pois terá de assumir “todas as suas torpezas e

²⁵ NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal, § 34, p. 38.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Sobre o termo “Margem de Manobra”, Cf. Nota do tradutor presente no texto “Nietzsche como Destino da Filosofia e da Humanidade? Interpretação Contextual do § 1 do Capítulo ‘Por que sou um destino’, de Ecce Homo”, de Werner Stegmaier, que diz: “O termo original é *Spielraum*, e tem o sentido de um espaço de mobilidade semântica no qual uma mesma palavra pode, sob determinadas condições, assumir variações no seu significado”.

²⁸ NIETZSCHE, A Gaia Ciência, § 290, p. 173.

²⁹ Ibidem.



veleidades” a fim de “produzir um alargamento das membranas (entranhas) que constituem a alma do homem tornando-a, assim, mais elevada.”³⁰

Se a “coisa necessária” é dar estilo ao caráter, isto não se consolida senão através de uma “fé em si mesmo.”³¹ Somente quem escaldou dentro de si a árdua tarefa de permanecer fiel a si mesmo é capaz de fidelidade à fluidez de sentidos. Neste caso, permanecer fiel ao seu caráter corresponde muito mais à capacidade de desprender-se dele do que propriamente alojar-se definitivamente em um caráter. Todavia, se esta capacidade de abandonar um caráter faz parte da atuação de um tipo de homem com espiritualidade elevada, é preciso destacar que “tal prerrogativa pertence somente ao espírito que foi capaz de abandonar a sua ‘última virtude’: a probidade. Mas antes ele teve que ser suficientemente fiel a si mesmo para, somente agora, poder não dar mais satisfações nem sequer a si mesmo.”³²

Ao homem de elevada espiritualidade é tão marcante seu assenhorar-se de si mesmo que um dos sinais de sua fortaleza está em justamente ser capaz de desprender-se do próprio caráter. Sua fidelidade é não ser fiel à sua probidade pessoal, mas antes, saber superar continuamente toda a tendência ao imobilismo. Aliás, Nietzsche não tem qualquer receio em anunciar uma luta contra tudo que se pretenda permanecer imutável, de tal modo que até mesmo o discípulo deve superar seu mestre, ao invés de permanecer sempre discípulo. Escreve Nietzsche no prólogo de *Ecce Homo*: “retribui-se mal a um mestre, continuando-se sempre apenas aluno.”³³ Ora, do discípulo não se espera outra coisa senão que, após atravessar intensamente suas vivências, de tal modo que permaneça escaldado por elas, possa se tornar senhor de si e transpor a si e ao próprio mestre, em atitude de frutuoso aprendiz.

Para Nietzsche, a tarefa do cultivo de si, partindo da disposição em “dar estilo ao caráter”, corresponde essencialmente a uma árdua conquista daquele que precisou

³⁰ PASCHOAL, 2007.

³¹ NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, § 284, p. 171.

³² VIESENTEINER, 2010.

³³ NIETZSCHE, *Ecce Homo*. “Prólogo”, § 4, p. 17.



“haver sido muitas coisas em muitos lugares.”³⁴ Somente aquele que vivenciou profundamente as teorias de Schopenhauer e a confiança na música de Wagner, por exemplo, sente-se à vontade e capaz de superar tantas doutrinas, arrogando-se assim o direito de estilizar o próprio caráter. Neste sentido, somente quem possui o *pathos da distância* é capaz de desprende-se do próprio caráter a fim de poder conquistar o direito ao cultivo de si.

Em um dos aforismos da *Segunda Dissertação da Genealogia da Moral*, encontramos uma relação entre a “tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas” com aquela tendência à imutabilidade do *caráter*, presente em dois aforismos sequenciais d’*A Gaia Ciência*, intitulados “Hábitos breves” e “A sólida reputação.” Ao animal capaz de fazer promessas nada mais útil que “tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e portanto confiável.”³⁵ Ora, pretender um tipo de homem manso, humilde e obediente é a mais alta recompensa da moral de rebanho. Para Nietzsche, ao impedir o homem de superar as amarras que tanto lhe sufocam, esta moral nada mais pretendem senão a intensificação de uma “sólida reputação” e a permanência de “hábitos duradouros”. É tão mesquinha esta pretensa a hábitos duradouros que, tal como aqueles que foram envenenados, os anunciadores desta “doutrina” preferem estar sempre nos mesmos lugares, com as mesmas companhias, arrogando-se permanecer sempre como estão, ao passo que alguém que vivenciou muitos seres e transcorreu por muitos lugares, nada mais deseja senão agradecer a vida por tudo que passou; “Sim, no mais fundo de minha alma sinto-me grato a toda a minha doença e desgraça e a tudo imperfeito em mim, pois tais coisas me deixaram muitas portas para escapar dos hábitos duradouros.”³⁶ Contra tudo o que se pretenda permanente, Nietzsche contrapõe com “hábitos breves”; É pela brevidade dos hábitos que se consegue experienciar novas situações e estados. Não nos fatos que duram, mas nos que passam é que se encontra a grandeza do homem, pois, ao atravessar suas vivências, reconhece que “um dia seu tempo acabou: uma coisa boa separa-se de mim,

³⁴ NIETZSCHE, *Ecce Homo*. “As Extemporâneas”, § 3, p. 68.

³⁵ NIETZSCHE, *Genealogia da Moral II*, § 2, p. 44.

³⁶ NIETZSCHE, *Gaia Ciência*, § 295, p. 178.



não como algo que me repugna – mas pacificamente de mim saciada, tal como eu dela, e como se nos devêssemos gratidão mútua, estendendo-nos as mãos em despedida.”³⁷

Como animal capaz de prometer, aproxima-se o homem de um tipo ideal, pensam os propagadores do instinto de rebanho, à medida que se conforma com uma “sólida reputação”. Por muito tempo a honra de uma sociedade justificou-se na capacidade de seus membros se manterem fieis ao seu caráter, pois quanto mais confiável alguém demonstrava ser, mais caráter ele teria. Diante deste cenário decadente, as palavras que mais tinham peso eram essas: “Nele podemos confiar, ele continua o mesmo.”³⁸ Como é prejudicial à tarefa do “cultivo de si” este aprisionamento do homem a hábitos que se pretendem únicos e duradouros e a uma reputação que, a todo custo, pretende ser inquebrantável! No entanto, “quem não se livra do próprio caráter, ou da própria reputação, periga apodrecer com o traje de moralista no corpo.”³⁹

Diante de tão fortes indícios de uma decadência humana, a pretensa do homem por uma autosuperação acontece somente a partir “do tremor da travessia por uma *Erlebnis*”⁴⁰, atitude que exige predisposição para transvalorar uma existência presa em “hábitos duradouros” e em uma “sólida reputação.” A fim de conquistar o direito de criar novos valores, pressupõe-se ao homem um excesso de vivência, um estar profundamente experimentado, de tal modo que o cultivo de si seja assumido como sua última grande tarefa, afinal de contas, não cultiva a si mesmo quem não percorre pelas mais diversas *Erlebnisse*. Mas, “o que são, então, nossas vivências? São muito mais aquilo que nelas pomos do que o que nelas se acha! Ou deveríamos dizer que nelas não se acha nada? Que viver é inventar?”⁴¹

³⁷ NIETZSCHE, Gaia Ciência, § 295, p. 177.

³⁸ NIETZSCHE, Gaia Ciência, § 296, p. 178.

³⁹ VIESENTEINER, 2010.

⁴⁰ VIESENTEINER, 2010.

⁴¹ NIETZSCHE, 2004.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Nietzsche Filosofia e Educação**. Ijuí. Ed. Unijuí. 2008. 200 p.

HARDT, Lúcia Schneider. **Como a dimensão trágica é fecunda para pensar a formação de professores: A Filosofia da Educação e o cultivo de si**. Filosofia e Educação, v. v.6, n.1, p. 147-163, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2012. 340 p.

_____, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2005. 247 p.

_____, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2011. 359 p.

_____, Friedrich Wilhelm. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2004. 330 p.

_____, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2008. 141 p.

_____, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. 169 p.

_____, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado Humano: um livro para espíritos livres**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2005. 314 p.



_____, Friedrich Wilhelm. **Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino.** *in* Escritos sobre educação. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. 5 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio. São Paulo: Loyola. 2011. 352 p.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **A arte de ler nuances.** *In* Nietzsche e a Interpretação. Vânia Dutra de Azeredo e Ivo da Silva júnior (org). Curitiba: Editora CRV FAPESP HUMANITAS. 2012

_____, Antonio Edmilson. **A palavra Übermensch no escritos de Nietzsche.** Cadernos Nietzsche. São Paulo: GEN – Grupo de Estudos Nietzsche, nº 23, 2007.

_____, Antonio Edmilson. **Nietzsche e a Auto-superação da moral.** Ijuí-RS: Editora Unijuí. 2009. 200 p.

PAUL, Van Tongeren. **A Moral da Crítica de Nietzsche à Moral: estudo de para além de bem e mal.** Tradução Jorge Luiz Viesenteiner. Curitiba: Champagnat, 2012. P. 316.

STEGMAIER, Werner. **Nietzsche como destino da Filosofia e da humanidade? Interpretação contextual do § 1 do capítulo “por que sou um destino”, de Ecce Homo.** Tradução João Paulo Simões Vilas Bôas. Trans/Form/Ação. Marília; v.33, n.2, p. 241-278, 2010.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **'Aprender a ver, aprender a pensar, aprender a falar e escrever': condições integrantes do conceito de Bildung no Crepúsculo dos Ídolos de Nietzsche.** *In*: DIEZ, Carmen Lucia. (Org.). Instigar a pensar e a questionar: o sentido do ensino da filosofia. 1ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 13-35.

_____, Jorge Luiz. **"Cultivo" e vivência (Erlebnis): premissas à construção da tarefa de 'tornar-se o que se é' em Nietzsche.** Cadernos de Ética e Filosofia Política (USP), v. 17, p. 203-227, 2011.

_____, Jorge Luiz. **Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é.** Campinas-SP: Editora PHI, 2013. 326 p



_____, Jorge Luiz. **O Conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção.** Belo Horizonte: Kriterion Revista de Filosofia, nº 127, 2013.

_____, Jorge Luiz. **O homem como somatória unitária de Erlebnisse (vivências) em Nietzsche.** In: Filosofia e Educação, v.6, p. 76-94, 2014.

WEBER, José Fernandes. **Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche.** Londrina-PR: Eduel, 2011. 268 p.